

A imagem de si (*ethos*) construída pelo discurso de Bolsonaro nas eleições de 2018

The self image (ethos) constructed by Bolsonaro's speech in the 2018 elections

Valéria Maria Bana Zanin¹
Patricia Ormastroni Iagallo²

Resumo: A retórica da nossa linguagem, ou seja, a forma como construímos nossos discursos influencia as ações em sociedade. A fala de candidatos a cargos políticos, em propagandas eleitorais, transmite uma determinada imagem de si (*ethos*), que contribui para influenciar a escolha do voto dos eleitores. O objetivo deste artigo foi analisar a construção dos *ethé*, na perspectiva de Dominique Maingueneau, nos discursos do então candidato Bolsonaro, durante a sua campanha eleitoral de 2018, em uma entrevista ao Jornal Nacional (TV Globo). Para isso, foram observadas a cena da enunciação, a modalidade trazida pelo candidato, o caráter e a corporalidade. Foram encontrados vários *ethé*, com destaque para o *ethos* de sinceridade.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Maingueneau; *ethos*; discurso político; Jair Bolsonaro.

Abstract: The rhetoric of our language, that is, the way in which we build our discourses influences the actions in society. The speech of candidates for political positions, in electoral advertisements, conveys a certain image of themselves (*ethos*), which contributes to influence the choice of voters' vote. The purpose of this article was to review the discursive construction of *ethé*, from the perspective of Dominique Maingueneau, of the candidate Bolsonaro, during his 2018 election campaign, in an interview with Jornal Nacional (TV Globo). For this, the scene of enunciation, the modality brought by the candidate, character, and corporeality were observed. Several *ethé* were found, with emphasis on the *ethos* of sincerity.

Keywords: Discourse Analysis; Maingueneau; *ethos*; political discourse; Jair Bolsonaro.

Considerações iniciais

Durante todos os anos em que ocorre uma eleição presidencial, somos bombardeados com discursos políticos, principalmente no período de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão (que dura cerca de 40 dias até as eleições). Quando os candidatos se apresentam nessas campanhas, eles constroem, dentre outras coisas, uma determinada imagem de si, que pode influenciar positiva ou negativamente nossas escolhas, por isso, a imagem que fazemos dos nossos candidatos é muito importante para as nossas decisões. Dessa forma, os estudos discursivos podem contribuir para a análise da construção dessas imagens que os

¹ Especialista em Alfabetização e Letramento pela UNOPAR. Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Apucarana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2147626696158883>. E-mail: vahbaana@hotmail.com

² Doutora e Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1054684805371169>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4175-8622>. E-mail: piagallo@yahoo.com.br

discursos dos candidatos passam de si mesmos, pois estabelece uma relação estreita com a vitória ou derrota do candidato nas eleições.

A Análise de Discurso (AD) é uma área multidisciplinar, que faz parte das ciências da linguagem, e que tem como objeto de estudo o discurso. Para analisar o discurso, que é linguístico e histórico ao mesmo tempo, devem ser consideradas as condições de produção, além da palavra que é dita e a não dita, mas possível de ser compreendida. O discurso político é, essencialmente, visto pela AD francesa (ADF) como um jogo de máscaras (CHARAUDEAU, 2006), em que os enunciadores utilizam estratégias discursivas no esforço de alcançar a candidatura, por meio da conquista de seus eleitores.

Os estudos sobre a arte do convencimento têm origem na Antiguidade Clássica. Dessa época, destacam-se os estudos de Aristóteles sobre as três dimensões de argumentação que asseguravam o êxito da oratória: o *ethos*, que se refere à identidade e imagem projetadas pelo sujeito do discurso; o *pathos*, que gera emoções e paixões no receptor, para isso utiliza argumentos que visam avocar fortes emoções no auditório; e o *logos*, este que se apoia nos argumentos propriamente ditos, na capacidade de racionalidade lógica e inferencial do sujeito.

O conceito de *ethos* era designado a assegurar o êxito da oratória por meio da construção da imagem do orador. O filósofo Aristóteles, em sua Retórica, já considerava o *ethos* como fundamentalmente discursivo, ligando-o, portanto, à concepção de instância discursiva, na qual era criada uma imagem pelo enunciador no momento em que este começava a enunciar, assim que assumia a palavra.

A noção de *ethos* é utilizada ainda pela Análise de Discurso, principalmente a partir dos estudos de Maingueneau (1995; 1997). O termo, que é emprestado da Retórica de Aristóteles, é agora ampliado e aplicável a qualquer texto, seja ele oral ou escrito. Dentro da Análise de Discurso, o *ethos* está atrelado à instância do discurso, sendo compreendido como a imagem que é criada do enunciador no momento da enunciação. Por conta do caráter interativo do *ethos*, o enunciador relaciona-se com seus co-enunciadores, adaptando seu discurso às expectativas destes. Para a ADF, o *ethos* é uma das mais importantes estratégias no momento em que o candidato busca a vitória nas eleições, pois o candidato constrói uma imagem de si, que tem grande influência na escolha do eleitorado.

Neste texto, após breves considerações sobre a ADF e o discurso político tal como Charaudeau (2006) o lê, traçamos as principais características do *ethos*, conceito analítico desenvolvido por Maingueneau, e procedemos à análise do discurso de Jair Bolsonaro analisando a cena da enunciação, a modalidade, o caráter e a corporalidade. Utilizamos como *corpus* de análise o vídeo de Jair Bolsonaro durante a sua campanha eleitoral, em que ele concede uma entrevista ao Jornal Nacional, transmitido pela TV Globo, em vinte e oito de agosto de 2018. Para a análise, nós ouvimos, vimos e transcrevemos os diálogos da entrevista, que durou 32 minutos, no intuito de percebermos quais são os *ethé* do então candidato durante a campanha eleitoral de 2018 e refletirmos como as suas estratégias discursivas influenciaram seus eleitores a ponto de obter a vitória nas eleições. O *corpus* pode ser recuperado acessando o site da plataforma Globoplay³.

A Análise de Discurso e o discurso político

A Análise do Discurso (AD), como vimos, é uma Ciência da Linguagem, que tem início nos anos de 1960, e toma como objeto de estudo o discurso, entendido como o lugar em que se manifesta o sujeito da enunciação, considerando as relações entre texto e o contexto sócio-histórico no qual ele foi produzido.

Para Maingueneau, é necessário considerar que a ADF relaciona-se com textos produzidos no “quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; nas quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc.; que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado.” (MAINGUENEAU, 1997, p.13-14).

Percebemos então que um *corpus* deve ser analisado considerando a relação da enunciação com os seus enunciadores e a posição que desempenham dentro de uma dada situação discursiva. O sujeito, assim, reflete, em seu discurso, a ideologia de um grupo do qual ele faz parte, a qual é vista através da posição em que assume em sua enunciação.

O discurso político caracteriza-se como um lugar em que se permite abrir espaços para discussão, persuasão e sedução, e que busca um exercício de poder para o sujeito político, pois aquele que fala, seja através de uma ameaça ou de uma possível gratificação, coloca-se em uma situação de sujeito dominante, enquanto que o

³ O link para acesso é: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>.

outro fica submisso a esse sujeito. Ou seja, “[...] todo ato de linguagem está ligado à ação através das relações de força estabelecidas entre os sujeitos, e que é dessa forma que se constrói o laço social” (CHARAUDEAU, 2006, p. 255).

Nesse sentido, entendemos que o discurso político “[...] é sempre um discurso dirigido e, ao mesmo tempo, os receptores desse discurso, os cidadãos, são parte integrante dele. É a razão pela qual podemos dizer que os povos são responsáveis [...], pelo regime político no qual eles vivem” (CHARAUDEAU, 2006, p. 268). Por isso, durante o período eleitoral, por exemplo, o discurso político é feito pelo candidato com vistas a persuadir ou seduzir o eleitor, fazendo-o acreditar que será beneficiado pela sua ação, já que votar é participar ativamente do processo cívico eleitoral (PASSETTI; ARCINE, 2018).

O discurso político se alterna entre a razão e a paixão, misturando *logos*, *ethos* e *pathos*, a fim de tentar responder à questão do que faz o outro concordar com tal valor, ação política, ou com tal partido ou personagem.

O conceito de *ethos* em Maingueneau

Durante a década de 1980, a noção de *ethos* atinge uma grande visibilidade através, principalmente, das problemáticas referentes aos discursos. Essas estão relacionadas com o desenvolvimento de novas condições ao se falar de modo público, e que segue a par com a implementação dos recursos persuasivos, que consistem em convencer o destinatário pelo que é dito na própria enunciação (MAINGUENEAU, 2018). Contudo, o próprio Maingueneau (2005) ressalta que o *ethos* não pode ser somente relacionado à questão persuasiva, mas também deve ser visto como um termo de noção sociodiscursiva. Para o linguista, a imagem produzida no momento de interação é associada a um determinado momento histórico, tendo um trabalho social envolvido. A noção de *ethos* constitui, portanto, uma “dimensão de todo ato de enunciação”. Para reforçar esse posicionamento, Maingueneau cita A. Auchlin, que diz ser o *ethos* “uma noção com interesse essencialmente prático, e não como um conceito teórico claro” (AUCHILIN, 2001, p. 93 *apud* MAINGUENEAU, 2018, p. 12).

Eduardo (2014) enfatiza que o político, ao apresentar o *ethos*, trabalha no campo da verossimilhança, e não no da realidade, ou seja, ele só precisa parecer verdadeiro. Roland Barthes (1970 *apud* AMOSSY, 2008, p. 10) caracteriza o *ethos* como “os traços

de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu *jeito* [...]”. Aristóteles, em sua *Retórica*, já afirmava que a sinceridade do orador no momento da enunciação não importava, desde que este criasse uma imagem positiva de si no discurso, tendo como principal característica a persuasão.

Como visto, o locutor sempre tenta alcançar a confiança de seu destinatário, e por isso, sua intenção é, basicamente, passar uma imagem positiva de si por meio de três qualidades essenciais, definidas por Aristóteles como: prudência, virtude e benevolência (ARISTÓTELES, 1998). Contudo, essa representação estabelecida pelo enunciador não é fixa nem definida: ela é construída, através do discurso, pelo enunciatário.

É necessário ainda entender que para que o candidato ao cargo político tenha mais votos do que seu adversário, ele deve, não somente construir um *ethos* que transmita confiança, admiração, mas também desqualificar o seu oponente, mostrando os pontos negativos que a vitória deste acarretaria para eleitor. Assim sendo “a figura do adversário, nessas condições de produção, passa a ser constitutiva de sua formação discursiva e, assim o sendo, leva-nos a postular que o adversário e seu discurso é o seu outro constitutivo.” (PASSETTI; ARCINE, 2018, p. 289). Há, portanto, um *antiethos*, conceito que aparece pela primeira vez em *O contexto da obra literária*, de Maingueneau (1995), e está relacionado a uma imagem que reflete o oposto de um *ethos*. Como explicam Passetti e Arcine (2018, p. 291), o *antiethos* possui dois traços básicos:

[...] é construído de forma simultânea ao *ethos* como *antiespelho* [...]; e tem sempre um caráter negativo, quer seja, no modo constitutivo, por coerção da formação discursiva ou do gênero, quer seja no modo da falha no ritual discursivo, por deslizos de sentido inconscientes ou não planejados.

Para a investigação do *ethos* é necessário que entendamos dois pontos cruciais do estudo de Maingueneau: a cena da enunciação e os modos da enunciação. Sobre isso Maingueneau (2008 *apud* FREITAS; SCARIOT, 2019) explica: “um discurso não é somente determinado conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto do enunciador e de destinatário, é também uma ‘maneira de dizer’ específica a que nós chamaremos de um *modo de enunciação*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 90 [grifo do autor] *apud*

FREITAS; SCARIOT, 2019, p. 110). A cena da enunciação, conforme Maingueneau (2013), é formada por três cenas: a cena englobante (refere-se ao tipo de discurso), a cena genérica (refere-se ao gênero do discurso) e a cenografia ou *dêixis* enunciativa, que se refere à posição do enunciador e de um enunciatário ou co-enunciador, ao tempo (cronografia), e ao espaço (topografia). Entende-se, portanto que a cenografia

[...] não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. (MAINGUENEAU, 2013, p. 97).

A cenografia deve validar um enunciado que, da mesma maneira, a valida. Ou seja, a cenografia da qual provém o discurso é justamente a cenografia necessária para enunciar como convém. Dessa forma, a cenografia utilizada deve ser a melhor via de acesso para determinado fim.

Já os modos da enunciação levam em conta a modalidade, a corporalidade, como o tom de voz, gestos, vestimentas, o caráter, que são os traços psicológicos passíveis de serem encontrados no texto, e o estilo, ou seja, as escolhas lexicais, de estrutura simbólica.

Quanto à modalidade, temos duas formas de perceber como o sujeito se implica no que diz, ou seja, a relação com o que diz é de parcialidade (não é objetivo, parcial), indicando julgamentos de valor ou indicando se ele adere ou não ao dito, ou a relação é de imparcialidade. No primeiro caso, temos a modalidade subjetivante, e no segundo caso, a objetivante.

A cena da enunciação na entrevista de Jair Bolsonaro

Para a investigação do *ethos* do candidato Jair Bolsonaro, vamos começar a traçar a cena da enunciação que é composta por: cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante da entrevista do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro para o Jornal Nacional é a de um discurso considerado jornalístico e político. A cena genérica é uma entrevista oral televisiva de Bolsonaro com William Bonner e

Renata Vasconcellos, em programa jornalístico de televisão, especificamente no Jornal Nacional, na rede Globo, voltado ao público alvo do JN.

A cenografia, que são as instâncias (embreadas e não embreadas – terminologias adotadas por Maingueneau, 2013) da enunciação quanto a pessoa, tempo e espaço, apresentada pelo corpus é variada.

Quanto à **embreagem actancial**, há o predomínio de: Bolsonaro-candidato como enunciador, e o entrevistador (ora Bonner, ora Renata) como enunciatário. O que pode ser notado nos exemplos: “Bonner, nunca recebi dinheiro de empresa nenhuma pra campanha, sempre fiz minha campanha usando aquilo que consegui ao longo do mandato [...]”; “[...] e ser honesto, Bonner, não é virtude, é obrigação.”; “Me desculpe, a senhora (Renata) não ouviu. [...]”.

É raro ver Bolsonaro mudar o foco do “eu”, para usar o “nós”, porém ele faz isso quando inclui Paulo Guedes: “**nós estamos** imbuídos, **eu e o Paulo Guedes, estamos** imbuídos [...]”, ao abordarem o tema sobre economia, visto que Paulo Guedes era, na época, o único nome que Bolsonaro falava ao se referir a um possível ministro da economia.

Há alguns momentos em que a cenografia se difere, como quando Bolsonaro institui uma cena em que ele é o enunciador e o enunciatário são “os funcionários da Rede Globo de modo geral (e não apenas Bonner e Renata)”. Exemplo: “[...] a forma de **vocês** receberem por PJ também é legal”.

Outro momento em que isso ocorre é quando o Bolsonaro inclui na enunciação os brasileiros e o próprio entrevistador, e o enunciatário são os entrevistadores, temos como exemplo o trecho: “[...] se não vai implementar todas é porque **temos** sim, o filtro chamado câmara e senado”.

Além desses momentos, Bolsonaro também enuncia por um “nós”, referindo-se às pessoas do poder público. Exemplo: “[...] o que **nós podemos** fazer, aí parte por parte do Executivo, **nós temos** que desonerar a folha de pagamento, **nós temos** que desburocratizar, **nós temos** que desregulamentar muita coisa”.

Outra situação que merece atenção é quando o enunciador não é mais somente o Bolsonaro, mas um “nós”, correspondendo ao exército e políticos. Ou seja, Bolsonaro fala por ele e pela categoria militar e política. Exemplo: “[...] **nós** do exército brasileiro acabamos de perder três garotos, [...] para o crime, agora, **nós temos** que fazer o que?”

[...]”. Bolsonaro ainda usa o “nós” para se referir mais uma vez ao exército brasileiro “**Nós**, no Haiti, militares do exército [...] **Nós** tínhamos uma forma de engajamento”.

Há ainda uma mudança no enunciatário, quando Bolsonaro se refere a um brasileiro qualquer que possa chegar a atuar no Parlamento, sendo que a referência do brasileiro na entrevista torna-se o próprio entrevistador. Exemplo: “[...] a gente não sabe o que vai acontecer no parlamento, **você** perde o controle daquilo lá [...]”. Ao se posicionar dessa forma, o candidato mostra que qualquer um pode estar no lugar de político, passando por problemas, ou seja, qualquer um poderia “perder o controle”.

Bolsonaro cria ainda uma cenografia em que o entrevistador deveria agir como se fosse presidente:

Bonner: Os números do IBGE, os números recentes do IBGE a respeito disso não atestam com tamanha clareza o que o senhor está dizendo candidato, mas pra gente não ficar só num assunto, diria o seguinte, o senhor tá, o eleitor deve entender então que o senhor, pro senhor não tem saída, ou não tem direito ou não tem emprego.

Bolsonaro: Bom, que tal a gente aprovar todos os direitos trabalhistas para os militares das forças armadas? Cê seria favorável? Eu sei que o entrevistado está sendo eu. Vamos aprovar todos os direitos trabalhistas para os militares das forças armadas e forças auxiliares?

Nesse momento, ele também sai da cenografia de um “eu”, e passa a ser um “nós e você”, ou seja, o entrevistador mais o poder público. Outro momento em que se pode ver essa cenografia é quando Bolsonaro diz: “[...] o que **nós** não **podemos** é deixar os policiais morrendo [...]”, em que inclui os brasileiros.

Quanto à **embreagem temporal**, temos uma recorrência de embreagens no tempo presente (no “agora” em que ocorre a entrevista). Exemplos: “[...] eu to vendo aqui uma senhora e um senhor[...]”; “Não, eu fui para um apartamento novo agora porque eu precisava de um espaço maior”.

Porém, há momentos em que Bolsonaro se projeta num futuro já atuando como presidente, e por isso o uso do “**temos**” e “**podemos**”, e não “**teremos**” e “**poderemos**”: “[...] o que **nós podemos** fazer, aí parte por parte do Executivo, **nós temos** que desonerar a folha de pagamento, **nós temos** que desburocratizar, **nós temos** que desregular muita coisa”.

Há momentos em que a cenografia construída por Bolsonaro cria uma instância enunciativa mais objetiva, ou seja, se distanciando do subjetivismo que estaria ancorando de forma mais participativa o enunciador e o enunciatário no momento

enunciativo, pois ele faz relatos de acontecimentos passados. Nestes momentos, ele faz uso do discurso direto “ela perguntou para mim e falei **‘é competência’** daí ela falou **‘oh as mulheres todas são competentes’**”, dando veridicção ao optar por mostrar o que exatamente a pessoa falou; “[...] eu fico com Roberto Marinho, o que ele declarou [...] ‘participamos da revolução democrática de 1864... identificados os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas ameaçadas’”.

Diferentemente da cenografia encontrada na maior parte da entrevista, Bolsonaro, já em sua fala final, cria uma cenografia em que ele se coloca como cidadão comum, e não como candidato à presidência, quando afirma: “**Vamos** juntos mudar esse ciclo, mas para tanto **precisamos** eleger um presidente da República honesto”.

Ao abordar o tema sobre homossexualidade, na tentativa de mostrar o livro chamado “Aparelhos sexual e cia”, o telespectador também se torna o “enunciatório” da cenografia: “Então **pai** que tenha filho na sala **agora, retire** o filho [...]”; “Inclusive eu peço pra **você** que está em casa”. Na primeira fala, por exemplo, Bolsonaro ao utilizar o verbo no imperativo (“retire”) mobiliza o interlocutor, embreando a sua fala.

A modalidade trazida pelo candidato

Além da cena da enunciação, é de suma importância que nos atentemos também para a modalidade, que como já vimos, pode ser subjetivante ou objetivante.

Ao analisarmos as falas do então candidato à presidência Jair Bolsonaro, percebemos que existem diversas marcas que nos levam a crer numa modalidade subjetivante. Sendo assim, quase nenhum discurso, como vamos ver, é totalmente objetivante.

Podemos observar isso quando ele se refere a sua família, em comparação com outras famílias envolvidas na política, por exemplo. “Geralmente quando se fala em família na política são **famílias enroladas** [...], a minha **família é limpa** na política”, pois a forma como ele se refere é com o uso de palavras subjetivantes: enrolada, limpa, pois não dá para se definir exatamente, objetivamente, o que se entende por “limpa” e “enrolada”.

Outro momento em que ele apresenta essa subjetividade é quando se remete aos ex-presidentes do Brasil, Dilma e Lula: “[...] **Lula que não entendia de economia** [...] **Dilma Rousseff, que entendia de economia, levou o Brasil ao caos.** [...]”. Aqui

Bolsonaro está julgando o conhecimento de Dilma e Lula. Não há como comprovar se entendiam ou não de economia.

Bolsonaro, ainda, para explicar seu relacionamento com o economista Paulo Guedes, se utiliza de metáforas, as quais são marcas de modalidade subjetivante. Exemplo: “[...] **quase igual a um casamento**”; “[...] Duvido pelo que conheço de Paulo Guedes [...] que esse **descasamento** venha [...]”. Outro exemplo: Sempre integrei o **baixo clero**”.

Outras marcas podem ser vistas, por exemplo, quando ele generaliza, ou não especifica, respectivamente. Exemplos: “[...] **Um pai** não quer chegar em casa e encontrar um filho brincando de boneca por influência da escola [...]”; “[...] tem **muito** gay que é pai, que é mãe [...]”. Quando há a generalização, ele afirma algo que não tem como, de fato, ser comprovado, por isso não pode ser objetivo. Já na utilização do advérbio muito, não fica claro qual é a quantidade de gay a que ele se refere, o que gera uma vagueza, pois o que é muito para alguém pode ser pouco para outra pessoa.

O candidato à presidência ainda usa várias palavras e expressões para marcar a sua fala e o seu posicionamento. Exemplos: “[...] **no meu entender** [...]”; “[...] **pode ter certeza** [...]”; “**Mas é lógico** [...] **com toda certeza** [...]”; “[...] enquanto isso continuar acontecendo **infelizmente**”.

O caráter e a corporalidade no momento da entrevista

Junto a esses pontos observados, nós precisamos ainda analisar as determinações físicas e psíquicas, que são atribuídas, como vimos, respectivamente a uma “corporalidade” e a um “caráter”.

Com relação ao caráter do candidato, notamos que ele constrói o imaginário de que é uma pessoa constante, que durante sua trajetória política não se desencaminhou. Vemos isso, por exemplo, quando ele fala que Joaquim Barbosa o citou como “[...] o **único** deputado [...] que não foi comprado pelo PT” ou “Bonner, **nunca** recebi dinheiro de empresa nenhuma para campanha, **sempre** fiz a minha campanha”, e isso pode ser notado também com relação à corporalidade, pois mantém-se durante essas falas (00:02:28 a 00:03:23; 00:04:01 a 00:04:42) um tom de voz calmo, e gesticula normalmente, mantendo muitas vezes a mão na bancada.

É possível notar ainda que Bolsonaro constrói ser uma pessoa modesta quando diz: “[...] e ser honesto, Bonner, não é virtude é obrigação”, pois honestidade hoje em dia é vista, sim, como uma virtude, e por conta disso é muito valorizada em nossa sociedade.

Por outro lado, ele não se acanha ao falar sobre suas qualidades, construindo um discurso de alguém que reconhece seu valor, como, por exemplo: “[...] **eu tenho reconhecimento** popular para isso [...]; “[...] no meu entender, **reconhecido** pelo povo como **muito bom** [...]”. Ainda nessa fala, Bolsonaro diz “[...] **ninguém é obrigado** a votar nos meus filhos”, o que pode ser analisado como uma pessoa não opressora.

Outro caráter que pode ser encontrado em várias partes do texto refere-se ao fato de Bolsonaro construir uma imagem de injustiçado, como nas falas “[...] vão me desqualificar por ter recebido auxílio moradia que é legal, como a pejetização de vocês também é legal?”; “[...] a forma de vocês receberem por PJ também é legal... tá na lei... e não to criticando isso aí.”; “[...] não preguem em mim essa pecha [...] esse rótulo foi pregado em mim no ano de 2010 mais ou menos [...]”. Ao utilizar um discurso de “injustiçado”, ele luta para combater isso, ou seja, não aceita injustiça com ele mesmo.

Além disso, podemos ver que seu discurso o faz ser uma pessoa comprometida com o seu trabalho, quando afirma “[...] eu **sempre** fui um parlamentar **preocupado** com o meu mandato e o meu voto é **sagrado** [...]”. Podemos perceber ainda que o então candidato à presidência mostra-se calmo e aberto a qualquer pergunta, como em “vamos, fique à vontade”.

Bolsonaro repete diversas vezes o verbo “confiar” ao ser questionado sobre o Paulo Guedes “[...] Eu parto do princípio que cê tem que **confiar** nos homens e nas mulheres [...], eu tenho que **confiar** nele como tenho que **confiar** no meu ministro [...]”. Seu discurso é de alguém que espera que o próximo honre sua palavra, sendo assim, ele acaba sendo uma pessoa honrada, também, como se dissesse “eu honro minha palavra e você a sua”.

Algumas de suas falas são marcadas por um discurso de uma pessoa aberta para revelar sua intimidade, pois o então candidato à presidência fala abertamente sobre seu casamento e sua vida pessoal, no geral. Ele ainda se mostra otimista sobre sua relação com Paulo Guedes: “[...] estamos imbuídos em buscar dias melhores para o nosso Brasil e nós não queremos uma aventura nesse processo.” Outro momento em

que ele mostra ser uma pessoa transparente/reveladora de sua vida privada está em sua fala “[...] eu já fui vítima de violência, Bonner, você também infelizmente”.

Seu discurso também se mostra irônico em “[...] eu **não sei ao certo**, mas **com toda certeza** há uma diferença salarial aqui... **parece** que é muito maior para ele do que pra senhora”, pois o enunciador posiciona-se como se tivesse dúvida sobre algo, ainda que tenha certeza do fato.

Com relação a sua corporalidade, pudemos observar uma seriedade e formalismo com relação a sua vestimenta, pois o entrevistado trajava um terno preto com camisa branca, e uma gravata listrada das mesmas cores, o que pode ser relacionado também a um certo tradicionalismo, pois não buscou ousar nas cores. Há na gola de seu terno um “botão” dourado, o qual não é possível identificar a que se refere.

Além disso, ele mantém uma feição séria durante a entrevista; quando fala, olha para os entrevistadores e não para a câmera; sempre segura uma caneta na mão, e têm alguma coisa escrita em sua mão esquerda. Nota-se também que ele carrega alguns papéis quando entra no estúdio, e depois eles são postos em cima da mesa, e em alguns momentos Bolsonaro mexe neles e escreve alguma coisa. Percebe-se também que algumas vezes ele encosta as costas na cadeira e em outras vezes fica mais reto.

Outra questão observada com relação à corporalidade está no tom de voz, que inicia calmo e sereno, mas ao longo da entrevista torna-se mais alto, e ele pode ser considerado autoritário e invasivo em certas situações. Essa mudança pode ser vista em 00:11:28, pois ele ignora diversas vezes o que os entrevistadores estão tentando falar, ou quer interrompê-los, alterando o tom de voz. Depois disso, seu tom calmo do início não retorna, e além de falar mais alto, ele também gesticula mais. No texto escrito vemos o mesmo acontecer, pois ele parece rude e exaltado, como no exemplo “É muito fácil, Renata você leu isso? Ouviu? Ou viu? Essa afirmação tua a meu respeito?”, pois são perguntas rápidas que buscam construir uma imagem de que ele é intimidador.

Como Bolsonaro havia abordado um assunto polêmico, em que comenta que o dinheiro recebido pelos jornalistas é em boa parte da União, ele usa a estratégia do silêncio trazida por Charaudeau (2006), a fim de que não atrapalhem sua ação, pois, nesse momento, Bolsonaro estende as duas mãos para frente (00:13:37) e prossegue

com a sua fala “[...] Mas vamos lá, não preguem em mim essa pecha [...]”, sem deixar brechas para que os entrevistadores o rebatam.

Podemos notar ainda que ele constrói um discurso de alguém “racional”, pois pontua com clareza o que pode ou não pode ser feito pelo Executivo “[...] nós temos que desonerar a folha de pagamento, nós temos que desburocratizar, nós temos que desregulamentar muita coisa”.

Há alguns momentos em que Bolsonaro vai dizer algo contrário ao que Bonner ou Renata estão falando e para isso introduz uma oração intercalada, com um “desculpa”. Por exemplo, quando ele diz: “Primeiro, que, **desculpa** Bonner, quem por ventura [...]”. Isso marca uma “falsa polidez” porque o tom não deixa de ficar irônico, ainda que ele esteja se desculpando por contrariar seu entrevistador.

Encontramos também passagens que mostram o caráter de cautela com o que promete (“[...] a gente não sabe o que vai acontecer dentro do parlamento, você perde o controle daquilo lá [...]”), e o caráter de se sentir injustiçado: “[...] e não jogue a responsabilidade em cima de um candidato à presidência pela quantidade de problemas que nós temos no Brasil”.

Vemos ainda momentos em que ele diz “[...] eu fui o único a votar contra [...]” e “Votei pretendendo defender e sabendo que ia ser o único votando contra [...]”, o que mostra que ele se diz ter sido uma pessoa corajosa, pois ainda que soubesse que muitas pessoas seriam contra a sua atitude, a fez mesmo assim.

Na seguinte passagem: “Um pai não quer chegar em casa e encontrar um filho brincando de boneca por influência da escola [...]”, podemos entender que ele demonstra um caráter preconceituoso em relação a preferências sexuais, tema introduzido por Renata quando diz “Mas vamos partir para outro tema importante que é homofobia”.

Vemos humildade no fato do discurso de Bolsonaro reconhecer erros do passado: “[...] as declarações foram fortes? Foram.” “Peço, peço até desculpas”.

É possível notar que seu discurso é o de uma pessoa contra aqueles que agem contra a lei, principalmente aqueles que são violentos, e isso pode ser visto pelo uso de termos pejorativos, como “[...] esse tipo de gente [...]”, “[...] esses caras [...]”, mostrando, assim como grande parte da população, um certo desprezo por essa classe. Para nós, assume-se nesse momento um caráter de pessoa sincera, pois ainda que esteja falando sobre uma questão polêmica, ele prefere ser verdadeiro a omitir,

diferentemente de muitos candidatos que geralmente iriam a favor dos direitos humanos, que defendem que todos devem ser tratados de forma igual, e a fala do candidato vai contra isso “[...] não pode tratá-lo como se fosse um ser humano normal”. Mas, ainda que isso nos traga um caráter de pessoa sincera, também mostra-nos um caráter de pessoa que desrespeita os direitos humanos, pois Bolsonaro diz “[...] qualquer elemento com uma arma de guerra os militares atiravam e depois ia ver o que aconteceu [...]”, e isso tira o direito de defesa da pessoa, que pode até mesmo ser uma criança.

Ele, em quase toda a entrevista, traz um discurso militar, ainda que saiba que esse discurso é polêmico e que precisa ter coragem para externalizá-lo, pois talvez acredite que grande parte da população esteja a favor disso, então comenta muito sobre “bandidos” e de como agir com eles. Bolsonaro, por conta desse discurso, e por ter sido militar, é frequentemente associado à época da ditadura, porém ele sabe que isso afeta sua imagem e tenta relativizar o golpe ao proferir as palavras de Roberto Marinho “[...] participamos da revolução democrática de 1964 identificados os anseios nacionais [...]”, ou seja, ele procura se defender, usando um argumento de autoridade, para não criar uma imagem de ditador, e passar um caráter de pessoa que respeita a vontade democrática do povo.

Ainda que Bolsonaro se mantenha com feição séria (sem sorrisos) na maior parte da entrevista, quando iniciado o tema sobre homossexualidade, mais especificamente o termo “homossexualismo”, ele parece dar um sorriso irônico (00:19:50) e diz “não, vamo falar, vamo falar”.

Quando a enunciação tem como enunciatário o telespectador, notamos que Bolsonaro volta seu olhar para a câmera e não mais para os entrevistadores (00:20:48 e 00:22:43), numa tentativa de aproximar o público, e nesse momento ele segura um livro em mãos chamado “Aparelho sexual e cia.”, o qual, segundo ele, faz parte de “[...] um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como *kit gay*”.

Outro momento importante quanto à corporalidade é quando Bolsonaro faz com as mãos o sinal de atirar com arma (00:26:00), ao falar que o exército brasileiro no Haiti atirava. Considerando que o tema do uso de armas pode gerar polêmica, o discurso de Bolsonaro é de alguém que não parece ter medo do que isso vai causar, nem medo de dizer o que o exército fazia, pois ao fazer a mímica do ato de atirar ele acaba potencializando a mensagem verbal “eles atiravam”. Além disso, quando Bolsonaro está

se sentando na bancada, no início da entrevista, ele diz que está confortável ali, pois, em sua visão, aquilo estava parecendo uma plataforma de tiro de artilharia (00:00:23). Sendo assim, há a imagem de alguém que não tem medo de falar de armas, nem do uso delas e da sua habilidade com elas.

Ao final, quando o então candidato à presidência tem um minuto para falar qual é o Brasil que ele quer para o futuro, ele volta novamente seu olhar para a câmera 00:29:30, buscando falar diretamente aos telespectadores e possíveis eleitores. E é nesse momento que ele fala de todas as características de um “bom” presidente: cristão, patriota, honesto, que desafogue o Brasil, salvador. Seu discurso “saí” do tradicional “vote em mim” colocando-se de forma objetiva, pois ainda que cite várias características suas, as quais puderam ser observadas ao longo da entrevista, há um distanciamento do Bolsonaro candidato frente ao Bolsonaro cidadão. Isso talvez seja uma estratégia de aproximação com o povo, mostrando-se patriota, pois não é por ele que ele faz o apelo, mas para um Brasil melhor.

Sua fala é então “cortada” por Bonner, por conta do tempo, e enquanto se despedem, Bonner ergue um pouco a mão e cordialmente Bolsonaro estende a mão (00:30:31), mas o cumprimento não acontece e o então candidato só abaixa a mão e a bate na mesa.

Revelando os *ethé* do entrevistado

Em resumo, a cenografia construída por Bolsonaro é, na maioria das vezes, a de candidato (e não o seu partido, ou sua posição de mero cidadão) e o enunciatário são as pessoas que o entrevistam (Bonner e Renata). Mas esse tipo de entrevista elaborada pela Globo em época eleitoral não é um tipo “simples”, porque não é realmente o Bonner e a Renata que querem saber ou fazer aquelas perguntas por eles mesmos, mas estão representando uma emissora de televisão que deveria, por sua vez, representar as dúvidas da população brasileira. E por conta disso ocorre, muitas vezes, posturas enunciativas diferentes: o entrevistado incorpora o seu partido e responde ao entrevistador como se este fosse os eleitores, revelando um *ethos* de **coragem**, de enfrentamento, porque ele se coloca despido de uma máscara do partido, e um *ethos* de **intimidade** quando trata seus entrevistadores pelas pessoas reais que são, como, por exemplo, ao falar para o Bonner: “eu até aquele momento era uma

peçoal normal, como você é normal por aí no tocante a isso”. Essa intimidade não é o comportamento típico de uma entrevista televisiva, o que significa que Bolsonaro transgride um pouco o gênero, revelando uma pessoa que age com a **verdade**, pois se é Bonner que faz uma pergunta, Bolsonaro responde à pessoa do Bonner, e não a uma pergunta da emissora. Também marca transgressão quando faz perguntas para o entrevistador: “Bom, que tal a gente aprovar todos os direitos trabalhistas para os militares das forças armadas? Cê seria favorável? Eu sei que o entrevistado está sendo eu. Vamos aprovar todos os direitos trabalhistas para os militares das forças armadas e forças auxiliares?”.

Embora a predominância da embreagem temporal seja a do tempo presente (ou seja, 2018), vale analisar um momento específico, em que Bolsonaro se projeta num futuro, porque cria a imagem de alguém já atuando como presidente (e por isso o uso do “**temos**”, e não “**teríamos**”), criando um *ethos* de um candidato **confiante**.

Já em sua fala final, Bolsonaro cria uma cenografia em que ele se coloca como cidadão comum, criando um *ethos* de **nacionalista**, pois assume uma postura de valorização do Brasil e não dele próprio.

Quanto à modalidade, pudemos ver o predomínio da enunciação subjetivante. Todos os indícios subjetivos novamente trazem um Bolsonaro de *ethos* **corajoso**, porque não tem medo de colocar suas impressões pessoais no seu discurso.

Mas é, principalmente, através do caráter e da corporalidade que podemos ver com mais facilidade a imagem que Bolsonaro quer passar de si durante a entrevista cedida à rede televisiva Globo. Podemos observar, então, um *ethos* de pessoa **constante**, que não se deixa modificar pelo tempo ou pelo contexto. Além disso, o então candidato mostra-se **injustiçado**, construindo uma imagem de que está sendo atacado pelos entrevistadores, como ocorre na seguinte passagem: “[...] não jogue a responsabilidade em cima de um candidato à presidência pela quantidade de problemas que nós temos no Brasil.”

Há também, em muitas falas do Bolsonaro um *ethos* de **engajamento**, em que ele busca passar a imagem de que ele é, sempre foi, e será uma pessoa comprometida com o seu trabalho, tanto no que se refere aos seus antigos cargos como deputado ou militar, como, num futuro, já presidente, “[...] eu sempre fui um parlamentar preocupado com o meu mandato e o meu voto é sagrado”; “[...] eu e Paulo Guedes estamos imbuídos em buscar dias melhores para o nosso Brasil”.

Bolsonaro também mostra um *ethos* **autoritário, agressivo e intolerante**, pois muitas vezes o então candidato não deixa os entrevistadores terminarem suas falas, ou ignora suas perguntas, principalmente aquelas que se referem a assuntos polêmicos o envolvendo. Como no trecho:

Bolsonaro: Todos esses momentos. Um pai não quer chegar em casa e encontrar um filho brincando de boneca por influência da escola... esse é o assunto.

Bonner: Candidato, a Renata lhe fez uma pergunta, mas o senhor não tá respondendo.

Renata: Mas para defender.

Bolsonaro: Não, mas pera aí, foi em condições, foi, foi, foi em momentos que a temperatura cresceu.

Outro *ethos* importante que Bolsonaro nos mostra é o de **lucidez**, pois sabe o que poderá ou não ser planejado e realizado pelo Executivo, além de preocupar-se com aquilo que promete. Porém, há alguns momentos em que essa lucidez não é vista, e assume-se nesses momentos um *ethos* **preconceituoso**, como quando comenta que os pais não querem que seus filhos brinquem de boneca, ou no momento em que trata as pessoas que agem contra a lei por termos pejorativos. Contudo, para alguns, a imagem construída pode ser de **sinceridade**, visto que, ainda que se trate de temas polêmicos, Bolsonaro não omite a sua verdadeira opinião, e essa sinceridade pode ser vista também quanto ao uso de armas, aos direitos trabalhistas e todos os outros temas abordados na entrevista.

Quando Bolsonaro traz as palavras de Roberto Marinho para sua fala, “[...] participamos da revolução democrática de 1964 identificados os anseios nacionais”, ele passa uma imagem de pessoa que **respeita a democracia**, pois se, para ele, o que aconteceu em 1964 foi uma resposta ao que o povo queria, era o certo a fazer, ainda que saibamos que foi um período ditatorial iniciado por um golpe de Estado.

No final da entrevista, Bolsonaro dirige-se ao público e comenta sobre o que ele espera do futuro presidente do Brasil. Ainda que não se refira a si mesmo, ele aborda vários *ethé* que puderam ser vistos ao longo do jornal, como o de ser **honesto, cristão, patriota e salvador**.

A ocorrência do **antiethos** no discurso do Bolsonaro ocorre apenas em um único momento da entrevista, em que ele se remete aos ex-presidentes do Brasil, Dilma e Lula. “[...] **Lula que não entendia de economia [...] Dilma Rouseff, que entendia de**

economia, levou o Brasil ao caos”. E embora saibamos que Lula não podia concorrer às eleições, no momento em que a entrevista ocorreu ainda não havia essa informação e nenhum outro candidato havia assumido em seu lugar. Bolsonaro quis, dessa forma, tentar desvalorizar não somente o seu adversário, mas o partido dele, pois faz menção não somente a um ex-presidente do Brasil que era do PT, mas a dois.

Considerações finais

No presente texto, procuramos apontar o *ethos* que o então candidato Jair Messias Bolsonaro apresentou em sua entrevista ao Jornal Nacional, transmitido pela rede Globo, já que seus discursos são considerados polêmicos. Porém, como percebemos, não há um único *ethos*, mas vários *ethé* que nos remetem a diferentes traços de personalidade. Contudo, há um *ethos* que perpassa toda a entrevista, que é o de sinceridade, porque, independentemente do assunto que esteja comentando, ele não omite sua opinião, por mais que seja polêmica, deixando-a sempre bem clara, sem se preocupar com o resultado disso, ou seja, parece não se importar se aquela fala vai agradar ou não o público.

Por conta disso, entendemos que Bolsonaro não é o “tipo” comum de candidato apresentado por Charaudeau (2006), com falas “esperadas”, que busquem não gerar polêmica e não cometer discriminações.

Análises como essa poderiam estar mais presentes em nossa sociedade assim como em nossos estudos sobre a língua, pois assim é possível vermos a enorme e imprescindível influência que a retórica da nossa linguagem tem na sociedade. Escolher um líder, seja para o município, estado ou país, não é fácil, e é através de seus discursos, principalmente durante a campanha eleitoral, que conseguimos conhecê-lo melhor, é nessa fase que vemos suas propostas e ideologias, por isso quanto mais compreendemos sobre esse assunto, menos nos deixamos nos influenciar por qualquer discurso. E assim podemos ter mais sabedoria na hora de escolher nossos candidatos.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à Análise do Discurso. In: _____ (Org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-28.
ARISTOTELES. *Retórica*. São Paulo: Aliança, 1998.

- AUCHLIN, Antoine. Ethos e experiência do discurso: algumas observações. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 201-225.
- BARTHES, Roland. *S/Z: an essay*. New York: Hill & Wang, 1970.
- CHARAUDEAU, Patrick. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (Orgs.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. p. 2150-167, 2006.
- EDUARDO, Luiz Felipe Melo. As estratégias do discurso político: uma análise de imagens e procedimentos linguísticos. *Estudos*, n.19, ano 13, 2014. p.459-475.
- FREITAS, Ernani Cesar de; SCARIOT, Viviane Demetrio da Silva. Semântica global: cenografia e ethos no discurso político do atual governador do estado do RS. *Unibeu*, Rio Grande do Sul, v. 12, p.98-115, 2019. Disponível em: <<https://revista.unibeu.edu.br/index.php/RU/article/viewFile/3328/pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- JAIR Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. GLOBOPLAY. Disponível em:<<https://globoplay.globo.com/v/6980200/>>. 32 min. Acesso em: 18 nov. 2019.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 11-30.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Maria Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6ª.ed.ampl. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- PASSETTI, Maria Célia; ARCINE, Raquel de Freitas. Modos de funcionamento do *antiethos* no discurso de propaganda eleitoral televisiva. In: NAVARRO, Pedro; BARONAS, Roberto Leiser (Orgs.). *Sujeito, texto e imagem em discurso*. Campinas: Pontes, 2018. p. 281-303.

Recebido em: 25/05/2021

Aceito em: 30/08/2021